

## Tradução e Interpretação: Uma Perspectiva Hermenêutica

Carolina Paganine  
Universidade Federal de Santa Catarina  
[carolgp@gmail.com](mailto:carolgp@gmail.com)

### RESUMO

Dada a relevância da interpretação no ato de traduzir, a Hermenêutica, como campo de conhecimento que investiga os meandros da interpretação, abre caminhos para refletir a fidelidade na tradução e a impossibilidade dessa tarefa. De acordo com Hans-Georg Gadamer, a tradução, como qualquer atividade de compreensão humana, acontece por meio de uma interpretação. Esta é fundamentada no diálogo entre texto e tradutor que se deixa guiar pelas perguntas, ou temas, que a obra coloca. Tal abordagem relativiza a dicotomia entre forma e conteúdo, na qual a fidelidade baseia-se, por considerar a obra literária como um todo único, que surge na continuidade e na partilha de nosso conhecimento. Além disso, a hermenêutica, ao apontar para a íntima relação entre interpretação e compreensão, estabelece a atividade tradutória não só como possível, mas também criativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução literária, estudos da tradução, interpretação, hermenêutica, fidelidade, possibilidade da tradução.

### ABSTRACT

Given the importance of interpretation in the act of translating, Hermeneutics, as a field of knowledge that investigates the mechanisms of interpreting, create possibilities to reflect on the fidelity and the impossibility of the task of translation. According to Hans-Georg Gadamer, translation, as any activity of human understanding, takes place through interpretation. This is based in a dialectical process between text and translator in which the latter is guided by the questions, or themes, that the text sets. Such approach relativizes the dichotomy between form and content, in which fidelity is based, by considering the literary work as a whole that arises through the continuity and the sharing of knowledge. Moreover, by indicating the close relation between interpretation and understanding, Hermeneutics establishes the act of translating not only as possible, but also as a creative one.

KEY-WORDS: literary translation, translation studies, interpretation, Hermeneutics, fidelity, possibility of translation.

Sabe-se que o ato de traduzir não é, de forma alguma, uma simples transposição de palavras de uma língua à outra. Não traduzimos apenas palavras, mas também significados e referências entre culturas diversas. A tradução, portanto, não é uma atividade puramente técnica e objetiva. Já desde as teorias que desconstruíram a noção de sujeito cartesiano – com Nietzsche, que denunciou o caráter ideológico da linguagem, e com Freud, que revelou a importância do inconsciente no ser humano –, a objetividade ou neutralidade da interpretação foi posta em xeque. Por consequência, a interpretação na tarefa do tradutor passa a ser um elemento fundamental.

Dada a relevância da interpretação no ato de traduzir, a Hermenêutica, como campo de conhecimento que investiga os meandros da interpretação, abre caminhos para refletir, por exemplo, a fidelidade na tradução e a impossibilidade dessa tarefa – questões sempre discutidas desde mesmo antes dos estudos da tradução se firmarem como um campo teórico<sup>1</sup>.

A etimologia da palavra “hermenêutica” remete ao grego *hermeneuein*, “interpretar”, ou *hermeneia*, “interpretação”. A palavra também é associada a Hermes, o deus grego mensageiro, cuja função é “transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender” e a quem “os Gregos atribuíram a descoberta da linguagem e da escrita”<sup>2</sup>. Ora, tal entendimento de Hermes como mediador e portador de uma mensagem é facilmente comparável ao papel do tradutor que apresenta um texto antes ininteligível àqueles que não dominam a língua estrangeira em que o texto foi escrito.

De fato, a palavra “hermenêutica” prevê três significações diferentes resumidas no verbo “interpretar”. São elas: “1) exprimir em voz alta, ou seja, *dizer*; 2) explicar, como quando se explica uma situação, e 3) traduzir, como na tradução de uma língua estrangeira”<sup>3</sup>. Esta última significação, a da interpretação como tradução, já é bastante consagrada nos estudos da tradução em geral. Mas, ao considerarmos a questão sob o ponto de vista da Hermenêutica, o ato de traduzir ganha uma nova dimensão.

Para Hans-Georg Gadamer, “toda tradução já é interpretação”<sup>4</sup>. O filósofo alemão entende que o ato de interpretar é inerente a qualquer ato de compreensão. A

compreensão, tal como Heidegger<sup>5</sup> já a tinha concebido e Gadamer corrobora, acontece na e pela linguagem – linguagem que é o meio pelo qual o ser humano compreende o mundo e é a própria razão de sua capacidade de compreendê-lo como tal. Desse modo, para Gadamer, compreender o que alguém diz é partilhar um universo de sentido, partilha que se realiza na linguagem. Para ele, portanto, a compreensão é “pôr-se de acordo na linguagem”<sup>6</sup> enquanto a interpretação seria a “demonstração expressa” da compreensão, isto é, a “*concreção do próprio sentido*”<sup>7</sup>. Isto revela que “compreender e interpretar estão imbricados de modo indissolúvel”<sup>8</sup>.

Partindo para o estudo de textos, a tradução, como interpretação e compreensão, é um processo análogo ao da leitura, com a diferença de que, na tradução, a interpretação é consumada na reescritura de um outro texto. Ambas as tarefas, leitura e tradução, não são fáceis. No capítulo “A compreensão como tradução”, do livro *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*, George Steiner exemplifica, de maneira extensiva, como uma “leitura abrangente”<sup>9</sup>, isto é, minuciosamente atenta, de um texto nunca é exaustiva e exige um constante exercício de interpretação. Este exercício, porém, nem sempre é conscientemente reconhecido em uma leitura, mas, ao traduzir, torna-se evidente.

A analogia entre leitura e tradução, conforme Gadamer as entende, aponta para uma certa desmitificação da tarefa tradutória na medida em que relativiza dois de seus pressupostos mais discutidos: a impossibilidade e a fidelidade. Se tudo é compreensão e interpretação, se estamos sempre praticando a “tradução” dentro de nossa própria língua, admitir a impossibilidade da tradução seria como admitir que qualquer ato de compreensão, seja ele uma conversa entre duas pessoas, a leitura de um texto, ou assistir a uma peça de teatro, é impossível.

A crença na impossibilidade da tradução, por sua vez, é intimamente relacionada a um desejo por uma fidelidade ilusória. É ilusória porque, na recriação de um novo texto em outra língua, há sempre o contraste entre dois horizontes, o do texto e o do tradutor, um contraste que reflete as diferenças inevitáveis entre as línguas e suas visões de mundo. Além disso, a crença na fidelidade admite uma sacralização da obra de arte, tomando-a como um objeto independente de nós, quando, na verdade, a obra só existe por meio da nossa interpretação. Considerando a obra de arte como manifestação de mundo, percebe-se que “a arte não é percepção sensível mas conhecimento”<sup>10</sup>. Assim, a dicotomia entre sujeito e objeto é revista, pois agora “não somos nós que interrogamos um objecto; é a obra de arte que nos coloca uma questão, a questão que provocou o seu

ser. A experiência de uma obra de arte é englobante e surge na unidade e continuidade do nosso próprio conhecimento”<sup>11</sup>. Dada essa relação estreita entre sujeito e objeto, também a dicotomia forma e conteúdo, na qual a fidelidade está fundamentada, é relativizada ao considerar que a interpretação faz parte da própria manifestação da obra de arte e, assim, “o que é essencial na experiência estética de uma obra de arte não é o conteúdo nem a forma mas a coisa significada”<sup>12</sup> que se revela pela interpretação.

Este argumento da possibilidade da tradução embasado na comparação à atividade da leitura e em relação à “indevida” oposição forma e conteúdo é similar ao que Henri Meschonnic defende em *Pour la poétique II*. Segundo Mauri Furlan,

*A possibilidade de tradução, a partir de Meschonnic, pode ser defendida num mote: se a leitura é possível, a tradução é possível. A leitura é entendida como enunciação porque constitui cada vez, a cada enunciação, um sistema de significância, o sentido é produzido a partir do significante mesmo: não há separação entre conteúdo e forma.*<sup>13</sup>

De acordo com Gadamer, a tradução serve para “tomar consciência do caráter de linguagem como *medium* do acordo”<sup>14</sup>, isto é, somente por uma linguagem comum pode haver compreensão e interpretação. Ao tradutor, cabe tornar acessível esse acordo em outra linguagem e, portanto, a fidelidade não é um problema de correta transposição, mas sim de correto acordo.

Para que aconteça este “correto acordo” na tradução, o filósofo alemão entende que é preciso dar validade ao sentido do texto original em um novo universo de linguagem, o da língua para a qual o texto está sendo vertido. Entretanto,

*a tradução de um texto não é um mero redespertar do processo anímico original de sua redação, mas uma reconstituição do texto guiada pela compreensão do que se diz nele. Nesse caso, não há dúvida de que se trata de uma interpretação e não de uma simples co-realização (Mitvollzug). [...] Como toda interpretação, a tradução implica uma reiluminação. Quem traduz precisa assumir a responsabilidade dessa reiluminação.*<sup>15</sup>

Assim exposta, a tradução seria a consumação da interpretação empreendida pelo tradutor, ao mesmo tempo em que é uma reiluminação da obra. Para Gadamer, essa reiluminação resulta em uma responsabilidade que serve para evidenciar o lugar difícil em que se encontra a atividade tradutória, pois

*o tradutor precisa resguardar o direito de sua língua materna, para a qual traduz, ao mesmo tempo em que acolhe também o estranho e inclusive o adverso do texto e de sua forma de expressão. [...] Só será um verdadeiro reconstituído aquele tradutor que consiga trazer à linguagem o tema que o texto lhe mostra. O que significa que encontra uma linguagem que seja adequada não somente à sua língua mas também àquela do original. A situação do intérprete e a do tradutor no fundo são a mesma.*<sup>16</sup>

Aqui, mais uma vez, Gadamer enfatiza a semelhança entre interpretação e tradução. Sua postura, no entanto, difere das tendências desconstrutivistas, para as quais a tradução de um texto - sua interpretação – dá margem à manipulação de sentido, com fins ideológicos. Note-se que o filósofo nos fala de dar validade ao “sentido original” em outro universo de linguagem, o que exige, logicamente, escolhas e aproximações, mas ressalta que é preciso se guiar pela compreensão do que o próprio texto “diz”.

É verdade, por outro lado, que a tarefa de compreender um texto, com qualquer finalidade, nunca é neutra. Como afirma Richard Palmer, “compreender uma obra literária não é uma espécie de conhecimento científico que foge da existência para um mundo de conceitos; é um encontro histórico que apela para a experiência pessoal de quem está no mundo”<sup>17</sup>.

Para essa tarefa concorrem, assim, o momento histórico, o local e a cultura em que vive o intérprete, que conformam uma visão de mundo, além de sua própria experiência pessoal. Quando se trata da compreensão de um texto do passado, o intérprete é obrigado ainda a se confrontar com uma outra visão de mundo, característica da época em que vivia o autor. É o que Palmer chama de “encontro histórico” e o que Steiner exemplificou na sua análise de um trecho de *Cimbeline*, de Shakespeare; em um trecho de *Sense and Sensibility*, de Jane Austen; e no soneto “Angelica Rescued by the Sea-Monster” de Dante Gabriel Rossetti<sup>18</sup>.

Cabe lembrar aqui a tradução de *Antígona*, de Sófocles, feita pelo poeta alemão Friedrich Hölderlin, no século XIX, um exemplo emblemático. Ridicularizada à época pelos seus contemporâneos, pois o poeta não dominava completamente o grego antigo, a tradução de Hölderlin tornou-se um marco e colocou questões que transcendem a técnica tradutória. Ao procurar aproximar o alemão das possibilidades de expressão da língua grega, buscando resgatar o imaginário trágico, a tradução hölderliniana fez mais do que isso: revelou uma Grécia ainda desconhecida. O poeta reiluminou o texto sofocliano, fazendo ressaltar os aspectos dionisíacos da cultura grega, até então

obscurecidos pela leitura apolínea feita pelo Renascimento. Hölderlin chegou a isso ao “pôr-se em diálogo”, ao mesmo tempo, com a poética de Sófocles e com o pensamento filosófico e poético do Romantismo alemão. Com isso, a tradução de Hölderlin não só inovou com relação à técnica tradutória, como também abriu novos caminhos para a reflexão filosófica, o que irá se consolidar na obra, por exemplo, de Nietzsche e Heidegger<sup>19</sup>.

Desse modo, o que Gadamer propõe como método de interpretação/tradução é o diálogo. Para ele, o significado de uma obra depende do diálogo do intérprete com as questões de que a obra é portadora. Não se trata de procurar a adequação a uma metodologia prévia, tampouco de sujeitar o texto às idiosincrasias do intérprete, mas de deixar-se orientar pelo próprio texto:

*É verdade que um texto não nos fala como o faria um tu. Somos só nós, que compreendemos, que temos de trazê-lo à fala a partir de nós mesmos. Mas já vimos que esse trazer-à-fala, próprio da compreensão, não é uma intervenção arbitrária de uma iniciativa pessoal, mas se refere, por sua vez, como pergunta, à resposta latente no texto.<sup>20</sup>*

Este diálogo proposto por Gadamer é, de certa forma, o que Steiner pretende em *Depois de Babel* ao afirmar que seu modelo de “quatro-estágios” do movimento hermenêutico no ato da tradução (confiança inicial, agressão, incorporação, reciprocidade ou restituição) não são uma “teoria”, mas sim a “narrativa de um processo”<sup>21</sup>, ou seja, derivam da prática.

A abertura ao diálogo como a não imposição de um método é, aqui, reveladora para a tradução literária, pois mantém em vista toda a complexa visão de mundo que uma obra de arte oferece. De acordo com Richard Palmer,

*a abordagem dialética da verdade é encarada como a antítese do método; ela é de facto um meio de ultrapassar a tendência que o método tem de estruturar previamente o modo individual de ver. [...] No método, o tema a investigar orienta, controla e manipula; na dialética, é o tema que levanta as questões que irá responder.<sup>22</sup>*

Para os estudos da tradução, isso significa que o ato de traduzir não deve se limitar à imposição de teorias que ora prezem somente pela forma, ou somente pelo conteúdo, ora prezem atribuir uma visão “domesticadora” ou “estrangeirizadora”. Isso seria já orientar o processo tradutório, antecipando e manipulando o texto traduzido. Ao

passo que deixar-se guiar pelos temas dos quais a obra é portadora sugere partilhar de sua amplitude e criatividade.

Portanto, sob uma perspectiva hermenêutica, a tradução como interpretação se afirma como uma atividade possível, pois, como a interpretação é inerente a qualquer ato de compreensão desempenhado pelo ser humano, a tradução passa a ser apenas mais um desses atos, mas onde essa interpretação é consumada na reescrita de um outro texto. Essa reescrita tem como responsabilidade o horizonte do texto original em que os temas são interpretados num diálogo entre texto e tradutor. Tal atividade resulta em certa autonomia ao trabalho tradutório, pois desmistifica o conceito de fidelidade ao mostrar que a interpretação é um ato complexo, embutido em todos os mecanismos de compreensão.

## NOTAS

<sup>1</sup> A respeito desse assunto, George Steiner, por meio de uma breve história dos estudos teóricos sobre tradução, argumenta que “todas as teorias da tradução – formal, pragmática, cronológica – são apenas variantes de uma questão simples e inescapável. Por quais meios a fidelidade pode ou deve ser alcançada?”. In: *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*, p. 283.

<sup>2</sup> PALMER, “Hermenêutica”, p. 23.

<sup>3</sup> *Ibid*, p. 24.

<sup>4</sup> GADAMER, “Verdade e Método I”, p. 498.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, cf. *Ser e Tempo*.

<sup>6</sup> GADAMER, op. cit., p. 497

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 514.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 516.

<sup>9</sup> STEINER, p. 49.

<sup>10</sup> PALMER, p. 172.

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 172.

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 174.

<sup>13</sup> “Possibilidade(s) de Tradução(ões)”, p. 90.

<sup>14</sup> Op. cit., p. 498.

<sup>15</sup> *Ibid*, p. 499-500.

<sup>16</sup> *Ibid*, p. 501.

<sup>17</sup> PALMER, “Hermenêutica”, p. 21.

<sup>18</sup> STEINER, op. cit., cf. capítulo 1: “A compreensão como tradução”.

<sup>19</sup> Cf.: CAMPOS, *A palavra vermelha de Hölderlin*; SOUZA, “A simplicidade grega de Hölderlin”.

<sup>20</sup> GADAMER, op. cit., p. 492.

<sup>21</sup> STEINER, op. cit., Prefácio à segunda edição, s/p.

<sup>22</sup> PALMER, op. cit., p. 170.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de. "A palavra vermelha de Hölderlin" in *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 4ª ed., 1977.

- FURLAN, Mauri. "Possibilidade(s) de Tradução(ões)", in *Cadernos de Tradução n° III*. Florianópolis: UFSC, 1998. 89-111.
- GADAMER, Hans-Georg. "A linguagem como *medium* da experiência hermenêutica". In: *Verdade e método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997. 497-631.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Vol. I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MESCHONNIC, Henri. *Pour la Poétique II*. Paris: Gallimard, 1973.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1986.
- SOUZA, Marcelo Paiva de. "A simplicidade grega de Hölderlin", in *Gárgula - Revista de Literatura*. Brasília: Editora Thesaurus, 1997. 36-37.
- STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Trad.: Carlos Alberto Faraco. Curitiba: UFPR, 2005.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.